

III

TESTEMUNHOS DE FÉ

Impressionado com a argumentação do velho Gordon e cedendo á insistencia da família, Cirilo Davenport havia desposado a prima, em segundas núpcias, entre cariocas alegrias dos amigos e afeiçoados da Nova Irlanda, passando a residir em companhia de Jaques, que assim o exigira, visando alguma consolação no deserto da sua viuvez. Breve, o nascimento de Beatriz vinha trazer um laço mais forte ao casal, mas o filho de Samuel jamais encontrara a emoção de ventura haurida no primeiro matrimonio. Parecia-lhe ter a alma mutilada, que o lugar de Madalena era impreenchivel. Fugia instintivamente do lar, entregando-se a trabalho incessante. Por vezes, singular estranheza se apossava dele, ao atentar nas atitudes afetivas de Suzana, sem eco no seu espírito. O coração palpitava-lhe de sentimentalismo ardente, reconhecia que nada perdera quanto á possibilidade de amar, e contudo, parecia que somente a primeira espôsa era a dona da chave de penetração no seu mundo íntimo. O ambiente doméstico, por mais que ela se esforçasse, reservava-lhe sempre penosas surpresas. A disposição dos objetos provocava censuras, os pratos nunca estavam a seu gôsto. Continuamente insaciado, insatisfeito, de quando em quando impunha-se a intervenção conciliadora de Jaques, para que os atritos não degenerassem em conflito. Depois de longas e acrimoniosas altercações, Suzana recolhia-se ao quarto, chorosa e desesperada, enquanto o marido se retirava a um canto da varanda,

distraindo-se com a fumaça de grande cachimbo, e pensando consigo mesmo: — "No tempo de Madalena, não era assim..." Dada sua constante aplicação ao trabalho, conseguira angariar fortuna sólida e invejável situação na colonia; no entanto, intraduzível tristeza lhe pairava invariavelmente no semblante. Apenas a filha, pela profunda afinidade espiritual manifestada, conseguira atenuar os sofrimentos que o atormentavam. Desde que Beatriz atingira os cinco anos, estabelecera-se entre pai e filha um apêgo cada vez mais forte. A menina parecia singularmente distanciada da progenitora, que, em vão, se esforçava por insinuar-se á sua estima. As ansiedades e dedicações de Suzana se tornavam inúteis. A atitude paternal de Cirilo plasmado a alma da filhinha, absolutamente de acordo com os seus pensamentos, dificultava a atuação materna. Sem jamais conseguir uma harmonia perfeita com a segunda espôsa, o filho de Samuel parecia vingar-se do destino, subtraendo a pequenina á sua influência e dando ensejo a que Beatriz se desenvolvesse entre caprichos de toda sorte. Em breve tempo Suzana não tinha nenhuma autoridade sobre a filha, que só obedecia ao pai. No íntimo, a prima de Cirilo sentia-se qual réu, que, não obstante resguardado da justica humana, resgatava duramente o crime praticado. Não encontrara a felicidade esperada em seu criminoso sonho. Os momentos raros de alegria conjugal eram pagos multiplicadamente em angústias martirizantes, pelo que costumava comparar sua ventura á uma gota de vinho numa taça de fél. Além do mais, os remorsos perseguia-na, implacáveis. Se encontrava um doente, recordava-se de Madalena; se entrava num cemitério, surgia-lhe o espectro da vítima. Quando alguém se referia a júbilos domésticos, ela sentia o amargor das suas experiencias; se as amigas comentavam as esperanças da prole, lembrava a filha de D. Inácio e sentia mais vivo o aguilhão da consciencia.

Tamanha era a desdita do casal, que um padre da colonia lhe recomendou mais atenção para o culto doméstico do Evangelho. Duas vezes por semana, reunia-se a pequena família para a leitura e comentário das lições do

Cristo. Jaques, porém, era talvez o único que se aproveitava legitimamente dos ensinos de cada noite. Suzana via em cada palavra uma acusação, furtando-se ao aproveitamento. Cirilo considerava as sentenças evangélicas como simples fórmulas convencionais da religião, sem sentido lógico para a vida prática, e a pequena Beatriz ouvia a leitura e interpretação do avô com o devido respeito, sem nada assimilar ao espírito infantil. O velho professor de Blois, todavia, não desanimava.

Quando a pequena manifestou os primeiros sintomas da enfermidade nervosa que a acabrunhava, os pais, como loucos, deliberaram transferir-se temporariamente ao Velho Mundo, em busca de recursos médicos. Debalde Suzana insistiu para se fixarem na Inglaterra. Cirilo foi inflexível. Ficariam em França. Uma vez forçado a viver na Europa, preferia París, onde se sentia identificado com as suas antigas recordações. Aí poderia cuidar da saúde da filha e orar no tumulo da primeira esposa. E não houve como demovê-lo dessa resolução.

Assim que, regressou ao Velho Continente o reduzido grupo familiar, sem prazo prefixado de regresso, sendo que Cirilo, aproveitando a oportunidade, poderia centralizar a representação de vasta zona do Connecticut, para o comércio do fumo, florentíssimo então.

Perdurava a mesma angustiosa situação para os Davenport, em París, quando Alcione lhes entrou em casa. Casa rica de recursos financeiros, mas pobre de alegria e de paz.

Jaques e o sobrinho exultavam com a chegada da jóven, tão parecida com a morta inesquecível e pelas suas maneiras carinhosas e cativantes. Beatriz parecia encontrar em sua companhia o medicamento indispensável. As longas conversações com a governanta desvelada, pouco a pouco lhe modificavam as atitudes. Suzana, entretanto, teve agravado o seu íntimo mal-estar com a presença de Alcione. Não conseguia sofrer a onda de ciúme e egoísmo que a empolgava. Muitas circunstâncias cooperavam para isso. Não tolerava a menina simples e generosa, pelos seus tragos idênticos aos da rival que eliminaria do seu caminho. Além de tudo, aquelas atenções

que Cirilo lhe dispensava, doíam-lhe penosamente no coração inculto. Complicando a questão, o velho pai, bem como a filhinha, adoravam a jóven serva, manifestando-lhe extremo carinho. Debalde procurava um pretexto para despedí-la. A moça estava sempre calma e disposta a ceder aos seus caprichos. Aquela suave humildade causava-lhe irritação. Por mais que elevasse a voz, em ordens intempestivas, Alcione tratava-a respeitosamente, em atitude de nobre serenidade. A princípio, acrescentou-lhe outras ocupações, além dos deveres de governanta e preceptor. A jóven era obrigada a tratar de todos os demais serviços leves da casa, inclusive a costura. Observando, todavia, que a moça a tudo atendia primorosamente, Suzana chamou-a certa vez:

— Alcione!

— Senhora!...

— Hoje é necessário que substituas a lavadeira, que se encontra doente.

— Sim, senhora.

E num momento desdobrava-se em atividades no tanque espacoso, esforçando-se por cumprir perfeitamente a tarefa insolita. Entretanto, vendo-a entregue a tal mister, não se conformou a pequena Beatriz, que, depois de um olhar reprovatório à progenitora, correu ao pai, pedindo-lhe providências.

Cirilo atendeu de pronto. Vendo a governanta da filhinha azafamada na lavandaria, começou a altercar com a esposa, recriminando-a com aspereza. Beatriz agarraada a ele, reforçava-lhe a censura. Suzana justificava-se. Não poderia atender ao ritmo doméstico, exautorada nas suas determinações. O marido porém, não lhe aceitava as alegações, secundado por Beatriz, que acusava a progenitora de perseguir Alcione com os serviços mais grosseiros. A filha de Madalena trabalhava, cabisbaixa e humilde, mas, quando viu a dona da casa em pranto convulsivo, exasperada com as censuras que lhe eram dirigidas acremente, adiantou-se com delicadeza e acentuou:

— Sr. Davenport, espero que me desculpe a introdução na conversa, mas pode crer que a pequena Beatriz está enganada. D. Suzana não me mandou substituir a

lavadeira, fui eu mesma que, sabendo que a lavadeira adoeceu, ofereci minha cooperação no tanque, para aliviar os muitos serviços domésticos.

— Ah! sim, — acrescentou Cirilo algo desapontado.

— O senhor não se preocupe, — concluiu Alcione — eu estou bastante habituada a estes trabalhos.

Essas palavras eram ditas com tanta sinceridade e boa vontade que o chefe da família regressou tranquilamente às suas atividades, enquanto a espôsa olhava para a governanta sem disfarsar a surpresa. Beatriz, muito modificada em sua primeira atitude de revolta contra a decisão materna, aproximou-se da jóven, tentando ajudá-la. Muito afetuosamente, contemplava Alcione, seduzida pela sua bondade, como a lhe pedir explicações. A filha de Madalena percebeu-lhe o desejo e falou:

— Então, Beatriz, consideras a limpeza da roupa como serviço pessado? Não penses assim. Deve ser muito sagrado, para nós todos, o asseio das cousas caseiras.

— Mas ha criadas para isso, explicou a menina procurando justificar-se.

— No entanto, devemos estar habilitados para qualquer trabalho digno. Se todas as servas adoecessem, haveríamos de vestir roupa suja? Não admitirás isso, por certo. Além do mais, cuidar da roupa que nos faz tanto bem, deve constituir motivo de satisfação sincera.

A menina, muito sensível, estimava devéras a governanta, mas objetou:

— No entanto, sempre ouví dizer que cada serviço deve estar no seu lugar.

— E não erras, pensando assim, mas essa verdade não impede o dever de ampliarmos nossas experiências em todo e qualquer trabalho honesto. Não estimas tanto as lições de Jesus? Pois em Cristo encontramos o verdadeiro ânimo de trabalho. O Mestre Divino nunca se ausentou do lugar sublime que lhe compete na Criação e no entanto carpintou na modesta oficina de Nazaré; exegeta da lei perante os doutores de Jerusalém, serviu o vinho da amizade nas bodas de Caná; médico da sogra de São Pedro, enfermeiro dos paralíticos, guia dos cegos, amigo das crianças, mas também lacaio dos discípulos,

quando lhes lavou os pés, no cénáculo. E nada obstante o contraste e a diversidade de tantas tarefas, Jesus não deixou de ser o nosso Salvador, em todos os momentos.

A filhinha de Suzana, entre admirada e comovida, observou:

— Tudo isso é verdade... Como não pude compreender antes?

E começou a ajudar no trabalho do tanque.

Esses pequeninos incidentes domésticos começaram a impressionar profundamente a segunda espôsa de Cirilo. De que fonte poderia Alcione haurir tanta compreensão e tamanha força? Alcione estava sempre pronta a lhe atender as menores exigências, sem modificar a atitude de serenidade e dedicação. Chamada aos próprios mistérios da cozinha, desincumbiu-se dos deveres que lhe eram confiados, a contento geral.

Decorrido quasi um ano, Suzana adoeceu gravemente. A filha de Madalena consagrou-lhe o máximo de seus carinhos. Nessa ocasião, justamente em face dos sofrimentos que a martirizaram, foi que ela se rendeu à bondade da serva, tornando-se-lhe desvelada amiga. A residencia de Cirilo experimentava profundas transformações. O chefe da família, bem como Jaques, insistiam para que a jóven se transferisse definitivamente para o palacete da Cité, mas Alcione alegava que a mãe era paralítica, que tinha um irmão adotivo necessitado da sua assistência, e um tutor muito amigo que se abeirava da morte.

Inúmeras vezes, a filha de Madalena Vilamil era obrigada a desviar, delicadamente, o desejo de Suzana e da filha, de lhe visitarem a progenitora enferma.

— Mais tarde, senhora Davenport, estaremos preparados para recebê-la; por enquanto, sou eu quem lhe pede para não ir. Quero ter a satisfação de apresentá-la à mamãe quando ela puder sentir o prazer de melhoras mais positivas.

E Suzana justificava-lhe a solicitação.

A modificação de Beatriz trouxera grande paz ao coração paterno. Cirilo não cabia em si de contentamento, em lhe observando a jovialidade e a saúde. Nunca poderia explicar o fenômeno afetivo que com êle se passava.

va, mas, era tal a estima e admiração que tinha pela moça, que, no íntimo, não sabia a qual das duas queria com mais ternura. Jamais confiara a quem quer que fôsse as suas reconditas impressões, mas desde que Alcione lhe entrou em casa, começara a sentir uma serenidade desconhecida. Ela lhe parecia assim como alguma cousa da morta inolvidável. Por vezes, quando a governanta acompanhava a família ao cemitério dos Inocentes, tinha impetos de afagá-la paternalmente, enxugando-lhe as lágrimas copiosas. Em tais ocasiões ela recordava os sofrimentos de cada um dos personagens do drama doloroso e desfazia-se em lágrimas. A família Davenport levava tudo a conta de sentimentalismo, temperamento hipersensível, e as suas atitudes passavam despercebidas, sem mais comentários.

A's quartas e domingos, praticavam, na intimidade, o culto doméstico do Evangelho.

Num sábado, á refeição, foi Jaques a lembrar:

— Alcione, amanhã faremos nosso estudo e meditação do Novo Testamento e receberíamos, com prazer a sua cooperação.

— Ganharei muito em vos ouvir — acentuou placidamente.

O alvitre do generoso velhinho mereceu aplauso geral. Cirilo fez ver que seria muito interessante ouvir a governanta de Beatriz no comentário das lições de Jesus. Alcione esquivava-se ás provas de aprêço, com extrema humildade. Viria, a-fim-de aprender, exclamava bondosamente.

Na tarde seguinte, reunidos em tôrno da grande mesa aristocrática, o pai de Suzana explicou atencioso:

— Ha muito tempo, minha filha, — dirigia-se á Alcione com muito carinho — aconselhados por um sacerdote americano, deliberamos fundar nossa igreja lareira, por considerar que a família é o nosso primeiro santuário.

— Resolução louvável — disse a filha de Madalena, entre a ternura e o respeito. — Minha mãe tambem sempre me disse que o lar é o nosso templo divino.

Magnetizado pela doçura das suas palavras, Cirilo

Davenport ansioso de alcansar a fé que lhe suavizasse as lutas da vida, perguntou:

— Não discordo, Alcione, desse conceito, mas, já o tenho discutido muitas vezes com meu tio. Por que entreter o culto evangélico no lar, quando temos numerosas igrejas? Só aqui no centro contamos mais de vinte. E os outros bairros de Paris? E as instituições religiosas? Por que esta diversidade de cultos se os fins são os mesmos? Não seria mais justo reservar as possibilidades da devoção para os ofícios religiosos de caráter público?

O filho de Samuel assim se manifestava porque nunca pudera compreender a utilidade prática da igreja doméstica. A seu ver, os textos evangélicos constituiam material de análise privativa dos padres, e chegava quasi a considerar inútil a leitura isolada das anotações apostólicas. Alcione, atenta e prazeirosa, respondeu:

— Neste discrime, Sr. Davenport, como não se trata de opinião nossa, pessoal, mas de ensinos do Mestre, peço-vos relevar a minha franqueza. Tenho a convicção de que, em toda parte, estamos na casa de Nosso Pai e estou certa de que virá o dia em que tomaremos por templo de Deus o mundo inteiro. Mas, em nossa atual condição, não nos custa reconhecer o proveito das igrejas e o caráter sagrado do culto doméstico, no que concerne aos ensinos de Jesus. Tambem no conforto de nossas casas, ha sempre ótima disposição para atender aos nossos familiares enfermos, mas isso não proscreve a necessidade dos hospitais. Os pais generosos ensinam sempre os filhinhos; mas nem por isso deixam de ser uteis as escolas. Em matéria de fé, nossa estranheza radica na viciação dos deveres religiosos. Costumamos atribuir ao sacerdote o que nos compete realizar. Um padre poderá funcionar como generoso preceptor, indicando os caminhos rétos, mas nós transitamos para Deus e é imprescindível não parar. O ministro da fé atenderá ao conjunto, mas, para que as alegrias cristãs vibrem perfeitamente em nossa alma, não ha que olvidar a necessidade de estabelecer o culto do Senhor, dentro de nós mesmos. Assim entrevisto, o lar é o templo mais nobre, porque oferece oportunidade diária de esforço e adora-

ção. Cada criatura de nossa convivencia sob o mesmo teto, representa um altar para o culto da bondade, do carinho, da comprehensão. Cada borrasca doméstica é um ensejo para a distribuição de esperança e fé. Cada dia afanoso enseja possibilidades de testemunhar confiança em Deus. Enquanto isso ocorre na intimidade, as instituições religiosas podem funcionar como hospitais dos espíritos combalidos, como celeiros de esfomeados, como fontes de informações sublimes aos ignorantes. Qualquer doente esperará a volta da saúde, mas, colimando reintegrar-se no plano de esforço diurno; o faminto se alimentará de modo a prosseguir no seu caminho; e o ignorante será instruído para que se habilite a aplicar o que aprendeu. Por este prisma, podemos aquilatar o valor das pequenas realizações domésticas. Acredito que o lar seja o ninho onde o espírito humano cria em si mesmo, com o auxílio do Pai Celestial, as asas da sabedoria e do amor, com que ha de conhecer, mais tarde, as sendas divinas do Universo.

A reduzida assembléia não podia ocultar a enorme expressão de assombro. Os Davenport estavam longe de presumir naquela jóven de atitudes tão tímidas, tais provas de conhecimento espiritual. Pela primeira vez, Cirilo ouvia um argumento que o satisfazia plenamente. Com estupefação geral, Beatriz quebrou o silêncio, dirigindo-se ao avô nestes termos:

— Não te disse, vovô, que ela sabe muita cousa nova sobre Jesus?

— Não diga isso, Beatriz — murmurou Alcione toda humilde — eu sou apenas uma curiosa das lições evangélicas. Como tinhamos em Ávila a nossa pequena igreja doméstica, a funcionar quasi todas as noites, familiarizei-me com o assunto.

— Sem dúvida, — replicou Cirilo impressionado — as tuas explicações, Alcione, falam profundamente á alma. Os negócios materiais da minha vida sempre me criaram certa atmosfera de incompreensão para as lições do Cristo. Sempre considerei o lar fortaleza da nossa felicidade na Terra, mas nunca como base para enriquecimento de dons espirituais.

— Isso é natural — prosseguiu a moça enternecidamente — as forças que nos encarceram o coração nas grades de uns tantos problemas temporais, costumam ser violentas e rudes. Entretanto, Deus não se cansa de nos atrair aos seus braços misericordiosos. As circunstâncias mínimas da existência humana induzem a pensar nisso. Logo que abrimos os olhos neste mundo, encontramos pais carinhosos que nos encaminham para o bem; nossa infância, quasi sempre, está cercada de sábias advertências dos preceptores, que nos orientam para a verdade. Uma idéia lógica surge, fatalmente, em nosso cérebro: tantos mensageiros de bondade viriam á nossa estrada tão só para informar-nos o coração, sem utilidades práticas para a propria edificação nossa? Muita gente, nos mais variados credos, depõe nas mãos de seus ministros o que lhes cumpre fazer, mas isso é um êrro grave. Deus nos chama pela maneira como Jesus procurou os discípulos. Para realizar a união divina é preciso marchar, na "terra" de nós mesmos, não obstante os maus dias e as noites tenebrosas!...

Cirilo não podia disfarsar a admiração. Agora, sentia descontinar-se aos olhos d'alma um mundo deslumbrante, que até então não conseguira surpreender. As palavras da jóven modificavam-lhe, num minuto, todas as presunções exegéticas. Começava a sentir que a vida, sob qualquer de seus aspectos, revestia-se da mais profunda significação. No seu conceito, o homem deixava de ser um exilado em miseras trevas, que se encontraria mais tarde com Deus, ou com a punição eterna. A Terra figurava-se-lhe escola, onde cada homem recebia uma divina oportunidade, entre milhões de possibilidades sublimes e infinitas.

— No templo de pregações públicas — concluia a filha de Madalena sem afetação — poderemos receber as inspirações externas, ao passo que no culto íntimo entramos em contacto com o proprio eu, recebendo divinas mensagens na conciencia. Os diversos ministros religiosos têm fórmulas convencionais; nós, como sacerdotes da propria iluminação, temos as expressões espontaneas da vida.

Jaques remetera-se a prolongado silêncio, como se estivesse chegando a um mundo novo de preciosas revelações. E Suzana, vendo o companheiro quasi extático, considerou, eminentemente comovida:

— Em verdade, Alcione, teus raciocínios abrem novos horizontes ao nosso espírito. Sempre estudamos o Evangelho, mas, de minha parte, devo confessar a dificuldade em me adaptar aos ensinamentos.... Sinto-me tão pecadora, tão humana, que, cada lição me sôa como rigorosa censura. Por que experimento assim, as santas narrativas, como dilacerantes acusações?

A jóven fitou-a com olhos muito lúcidos e esclareceu:

— Tais impressões devem ser passageiras. O Evangelho é mensagem de salvação, nunca de tormento. Na realidade, conhecemos a extensão da nossa indigencia e o gráu das nossas fraquezas; mas a misericordia divina restaria imota sem as nossas quedas e dolorosas necessidades. O Cristianismo jamais será doutrina de regras implacáveis, mas sim a história e a exemplificação das almas transformadas com Jesus, para glória de Deus. Se as lições do Mestre apenas nos oferecessem motivos de condenação, onde estariam as grandes figuras evangélicas de Maria Madalena, Paulo de Tarso e tantas outras? No entanto, a pecadora transformada foi a mensageira da ressurreição; o inflexível e cruél perseguidor convertido, recebeu de Jesus a missão de iluminar o gentilismo.

Suzana seguia a exposição, de olhos muito brilhantes. Nunca sentira tamanha impressão de bem-estar, no trato das leituras santas. Nas confissões, que nunca chegara a conjugar com a grande falta da sua vida, nada recebia dos sacerdotes, senão amargas recriminações. Os padres lhe ministriavam penitências mas nunca lhe ofereciam roteiro seguro. Sempre dera ao altar valiosas contribuições monetárias, mas agora chegava á conclusão de que era indispensável cooperar, com todas as energias espirituais, para o proprio aperfeiçoamento.

— Tuas interpretações — asseverou a senhora Davenport — são altamente consoladoras. De uns tempos

para cá, venho refletindo amargurada na inutilidade de muitos ensinamentos recebidos na infância. Por que terei aprendido a virtude e não a cultivo a rigor? E, com tais dúvidas íntimas, passo analisar as criaturas com profundo pessimismo, chegando a crer que a humanidade, de modo geral, vive negando Jesus a cada momento.

Alcione, que prestava especial atenção aos conceitos expendidos, obtemperou:

— Por infelicidade nossa é, de fato, enorme a bagagem das nossas fraquezas neste mundo; mas, se o Pai não desanimou e nos oferece, diariamente, ensejo de nos levantarmos para o seu amor, por que haveremos de viver em descrença contumaz? Viver sem esperança é o pior de todos os males. Quando nos preocupamos sinceramente com a iluminação espiritual, compreendemos a significação de todas as cousas. A própria miseria humana tem o seu lugar e a sua expressão educativa. Antes de tudo, é essencial refletirmos na extensão da bondade do Mestre. Lembremos que São Pedro o negou três vezes, na hora mais cruel; que Tomé duvidou da sua sabedoria e misericordioso poder e nem um nem outro foi jamais expulso da sua divina presença. O mundo tem inúmeros criminosos, exploradores, ociosos e devassos, mas tudo isso deve ser examinado por um prisma diferente. O pecado é moléstia do espírito. No excesso da alimentação, na falta de higiene, no desregramento dos sentidos, o corpo sofre desequilíbrios que podem ser fatais. O mesmo se dá com a alma, quando não sabemos nortear os desejos, santificar as aspirações, vigiar os pensamentos. Sempre acreditei que as enfermidades dessa natureza são as mais perigosas, porque exigem remédio de mais dolorosa aplicação.

Suzana estava eminentemente surpreendida. Aquelas explicações, tão simples, tocavam-lhe o coração nas fibras mais sensíveis. Sómente agora identificava a sua moléstia espiritual. Nos dias mais tristes da vida conjugal, entre remorsos e revoltas, muita vez indagara de si mesma os motivos que a levaram a desventurar a filha de D. Inácio. Nas horas acerbas, chegava á penosa conclusão de que um verdadeiro amor jamais sacrifica al-

guem nos seus impulsos. Em troca da sua violencia, nada adquirira senão remorsos para si e insaciade para o companheiro. Não teria sido melhor cooperar para a felicidade inalterável do primo com Madalena? Se lhe não fosse possível a edificação do lar alcansaria, pelo menos, a tranquilidade de conciencia. Entretanto, como dizia Alcione, deixara-se empolgar pelo desregramento dos desejos, desviara-se dos sentimentos justos e caíra em terrível enfermidade espiritual. Enfim, comovera-se em demasia, fóra de seus hábitos, tinha os olhos molhados de pranto.

Cirilo, por sua vez, muitíssimo impressionado com os esclarecimentos, imitava o velho tio, parecendo mergulhado em profundo cismar.

Rompendo o forçado silêncio, o velho educador de Blois tomou a palavra e disse com brandura:

— As interpretações da menina são novas e confortadoras para nós. Pelo visto, muito nos poderá ela auxiliar, no referente aos sagrados ensinos. Não será melhor que todos nós a ouçamos, hoje, no culto? Dessarte, saberemos como funcionava a sua igreja doméstica, em Ávila, e poderemos enriquecer as nossas experiencias.

Alcione sempre humilde e sincera, tentou esquivar-se, mas Cirilo e Suzana reforçaram a proposta do bondoso ancião e não houve como eximir-se á delicada incumbencia.

Jaques entregou-lhe o pesado volume, mas antes de o abrir, ela explicou:

— Em nosso grupo familiar de Castela a Velha, meu tutor dizia que o estudo das letras santas é comparável a uma pesca de luzes celestiais. O rio da vida, afirmava, está sempre correndo e é indispensavel energia serena e vontade ardente, a-fim-de mergulharmos na coleta dos valores divinos. Enquanto o homem se mantiver tibio, desencantado, indiferente ou pessimista, dificilmente poderá encontrar no Evangelho algo mais que os sublimes apelos do Senhor. Em tais condições negativas, recebemos os convites do Cristo, mas, frequentemente ficamos ignorando a tarefa, somos chamados ao banquete da verdade e da luz, mas comparecemos como comensais bi-

sonhos, mal sabendo como iniciar o suculento repasto. O ensinamento de Jesus é vibração e vida, e como o estudo mais simples demanda o esforço de comparação, não podemos versar o Evangelho sem êsse esforço. Muitos procuram, nestas páginas, sómente motivos de consolação, esquecendo a essencia do ensino. Mas seria um contra-senso vir o Mestre a nós, dos paços gloriosos da imortalidade, apenas para nos adoçar o coração onusto de perversidades e fraquezas humanas. Jesus é a fonte do conforto e da doçura supremos. Isso é inegavel. No entanto, reconhecemos que uma criança que sómente receba consolações e mimos paternos, arrisca-se a envenenar o coração para sempre, na sede insaciável dos caprichos. Não; não devemos acreditar que o Cristo só haja trazido ao mundo a palavra revigoradora e afetuosa, senão tambem um roteiro de trabalho, que é preciso conhecer e seguir, em que pesem as maiores dificuldades. Para isso, é indispensável tomar os nossos sentimentos e raciocínios como campo de observação e experientia, trabalhando diariamente com Jesus na construção da arca íntima da nossa fé. Naturalmente que essa edificação não prescinde do material adequado, constituido pelas virtudes e conhecimentos nobres que adquirimos no curso da vida. São êsses os elementos que procuramos, em nossa pesca das luzes celestiais, para que, recebendo as consolações de Jesus, sejamos igualmente operosos trabalhadores.

A pequena assembléia entreolhava-se grandemente surpresa. Cada qual parecia mais deslumbrado com o comentário da jóven intérprete.

— Em Ávila, — continuou ela com a maior simplicidade — nunca nos reunimos no culto doméstico sem suplicar o socorro da inspiração divina. Padre Damiano esclarecia sempre que Deus não poderia ter enviado as “línguas de fogo” da sua sabedoria apenas aos doze discípulos de Jesus. As chamas do seu amor infinito aquecem a humanidade inteira. Basta lembrar que, se os sinais do céu foram vistos sómente sobre os Apóstolos, no dia inolvidável do Pentecostes, ninguém poderá contestar a extensão dos benefícios á multidão que os ouvia,

exultante de júbilo. A revelação dirigia-se a todos, o contentamento celestial foi distribuído sem exclusividade. Baseado nisso, meu tutor asseverava que devemos fazer o estudo evangélico não apenas com as nossas malícias e necessidades humanas, mas com o auxílio silencioso e invisível, do céu!...

Após estas considerações, que despertaram fundo enternecimento nos ouvintes, orou em voz alta, suplicando a Jesus lhes concedesse o benefício de suas inspirações sacrossantas, para que se integrassem no conhecimento da sua vontade. Feita a prece comovedora, tomou do livro, e perguntou:

— Sr. Jaques, gostaria me dissésseis qual o método aqui adotado para a leitura.

— Costumamos ler cinco a dez versículos de cada vez, comentando-os em seguida. Presentemente estamos na segunda epístola de São Paulo a Timóteo, tendo ficado, na última reunião, no segundo capítulo, versículo 10.

— Lá na Espanha, — explicou a jóven delicadamente — liamos, apenas um versículo de cada vez e esse mesmo, não raro, fornecia cabedal de exame e iluminação para outras noites de estudo. Chegámos á conclusão de que o Evangelho, em sua expressão total, é um vasto caminho ascensional, cujo fim não poderemos atingir, legitimamente, sem conhecimento e aplicação de todos os detalhes. Muitos estudiosos presumem haver alcançado o termo da lição do Mestre, com uma simples leitura vagamente raciocinada. Isso, contudo, é erro grave. A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. Nesta ordem de aquisições, não basta estar informado. Um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se-nos, portanto, indispensável a cada passo da existência. Eis porque, excetuados os versículos de saudação apostólica, qualquer "dos demais conterá ensinamentos grandiosos e imorredoiros, que impende conhecer e empregar a benefício próprio.

— Será então mais útil — advertiu Cirilo sumamente interessado — assim também procedermos.

Alcione procurou a epístola indicada e leu o versículo 11 do segundo capítulo:

— "Palavra fiél é esta: que se morrermos com ele, também com ele viveremos".

Franca a palavra, todos, exceto a pequena Beatriz, que se mantinha calada, opinavam que os homens apegados a Jesus, no fim da vida, podiam morrer em paz, certos de que o Senhor lhes abriria, além-tumulo, as portas gloriosas da redenção.

Depois de ouvir a opinião de cada um em particular, Alcione explanou:

— Certo, a esperança em Cristo será sempre um refúgio indispensável na hora da partida, mas a advertência apostólica nos convoca a ilações mais graves. Lembremos os perversos que aceitam Jesus na hora extrema. Muita gente, portadora de crimes inomináveis faz ato de fé no leito de morte. Enquanto têm saúde e mocidade, vivem ao léu, entre caprichos e desregramentos; mas tanto que o corpo quebrantado lhes dá idéias de morte, alarmam-se e desfazem-se em rogativas a Deus. Podem, criaturas que tais, esperar de pronto, imediata, a glória do Cristo? E os que se sacrificam nas aras do dever enquanto lhes resta uma partícula de forças? Claudicaria a justiça, em suma, se afinal a virtude se confundisse com o crime, a verdade com a mentira, o labor com a ociosidade. Certo que será sempre útil recorrer á misericordia do Senhor, ainda que manchados até os cabelos, bem como acreditar que, para toda enfermidade, haverá remédio adequado. Penso, porém, que a assertiva de Paulo não se refere ao termo da vida corporal, fenômeno natural e apanágio de justos e de injustos, de piedosos e de impios. Bafejado pela divina inspiração, o amigo do gentilismo aludi, por certo, á morte da "criatura velha", que está dentro de todos nós. E' a personalidade egoística e má, que trazemos conosco e precisamos combater a cada dia, para que possamos viver em Cristo. A existência terrestre é um aprendizado em que nos consumimos devagarinho, de modo a atingir a plenitude do Mestre. No plano da propria materialidade, poderemos observar esse imperativo de lei. A infancia, a mocidade

e a decrepitude, em seu aspecto de transitoriedade, não podem representar a vida. São fases de luta, demonstrações da sagrada oportunidade concedida por Deus para nos expurgarmos da grosseria dos sentimentos, da crosta de imperfeição. Costuma-se dizer que a velhice é um ataúde de fantasias mortas, mas isso apenas se verifica com os que não souberam ou não quiseram "morrer" com o Cristo para alcansar a fonte eterna da sua vida gloriosa. Quem se valeu da possibilidade divina tão sómente para cultivar ilusões balofas, não poderá encontrar mais que o fantasma dos seus enganos caprichosos. A criatura, porém, que caminhou de olhos fixos em Jesus em todos os pormenores da tarefa, essa, naturalmente, conquistou o segredo de viver triunfante acima de quaisquer circunstâncias adversas. Jesus palpita em seus atos, palavras e pensamentos. Seu coração, na pobreza ou na abundância, será como flor de luz, aberta ao sol da vida eterna!...

Cada qual dos ouvintes revelava jubiloso interesse. A explanação de Alcione lhes tocara o coração. Quando a filha de Madalena fez uma pausa mais longa, Cirilo Davenport acentuou:

— Agora, sim! Encontrei um modo prático de compreender. O tesouro evangélico, interpretado desta maneira, dá idéia de preciosa mina de valores espirituais. Quanto mais nos aprofundamos em meditação, esforço e boa vontade, mais filões auríferos irão surgindo aos nossos olhos.

Alcione sorriu satisfeita. Ninguem, ali, poderia entender a vibração do seu contentamento; mas a verdade é que, considerando a confissão paterna, transbordava de alegria íntima.

— O senhor comparou muito bem, — disse — as palavras do Mestre estão cheias de apelos maravilhosos, de socorros divinos, de mensagens do céu. Basta que nos esforcemos para lhe ouvir a voz e receber os dons.

Jaques continuava muito impressionado.

— Senhorita, — indagou — vê-se que a sua educação religiosa é muito diferente da que conhecemos até agora. Encontro-me a termo de uma existência consa-

grada ao ensino, e apesar da minha paixão pelos autores antigos, nunca pude sair do círculo do meu tempo, circunscrevendo o serviço da fé aos atos de adoração. Jamais pude compreender a igreja como oficina de trabalho ativo, nem o culto doméstico do Evangelho como escola de preparação para o esforço terrestre; no entanto, por suas observações sinto que ha métodos de interpretação que não conheço, e posso declarar pelo que ouvi da sua inteligência moça, que estes processos de aprendizado são sedutores. Desejaria saber se isso é comum nas escolas e lares de Espanha.

A jóven sorriu agradecida e esclareceu:

— Estas luzes, Sr. Jaques, eu as recebi do meu tutor, em nossas reuniões familiares de Ávila; mas devo acrescentar que esta orientação não está generalizada na patria de minha mãe, mormente em Castela a Velha, onde o Padre Damiano foi ameaçado duas vezes pelas perseguições do Santo Ofício, por haver tentado chamar a atenção do povo para este sistema de estudo e exegese.

— Que horror! — exclamou Cirilo num gesto significativo, — é quasi inacreditável que a igreja mantenha tal instituição.

— Não podemos inculpar a igreja, — retificou Alcione carinhosamente — o Cristianismo, em tempo algum, autorizaria institutos dessa natureza. Devemô-los aos maus padres, cujo coração ainda não pôde compreender a suprema grandeza do Cristo.

O velho educador, sinceramente impressionado com as definições ouvidas, tornou a perguntar:

— Onde poderei avistar-me, mais a miude com o Padre Damiano?

Alcione esboçou um sorriso melancólico e respondeu:

— Nôsso velho amigo está á morte, na paróquia de São Jaques do Passo Alto. Quasi diariamente, á noite, vou recolher seus últimos pensamentos. Não obstante o combate ha muitos meses travado com a terrível enfermidade, vê-se que êle está nas ultimas. Com a sua morte próxima, perderei neste mundo um segundo pai.

A notícia ecoou lugub्रemente na sala. Observando a nuvem de tristeza que sombreava o semblante de Al-

cione, todos entraram em profundo silêncio. Foi aí que a jóven lembrou:

— Agora, agradeçamos a Deus o socorro que nos foi enviado através da inspiração. As mais das vezes, temos a certeza de que devemos, em grande parte, o pão material ao próprio esforço, mas o mesmo não se dá com relação ao alimento espiritual. Este nos vem sempre de Deus, do seu paterno coração, que nos cumula de infinitos recursos. Temos na Terra a lei da necessidade, mas o Senhor tem a do suprimento. Agradeçamos a sua misericórdia e apliquemos as dádivas recebidas, porque novos elementos fluirão, para nossa alma, dos seus inexauríveis celeiros de sabedoria e abundância.

Encerrada a reunião familiar com uma prece de reconhecimento, Alcione retirou-se deixando á família Davenport singulares impressões.

Ela parecia fortemente inspirada, quando dizia que Damiano estava ás portas da morte. Logo que chegou á casinha do burgo de São Marcelo, encontrou a notícia alarmante. Um portador ali estivera para comunicar aos Vilamil que o velho sacerdote agonizava. As frequentes hemoptises da noite lhe haviam aniquilado as últimas forças. Madalena, não obstante a atrofia dolorosa das pernas, suplicou á filha que a levasse em sua companhia, num carro mais espaçoso, a fim de ver o abnegado amigo pela última vez. A filha ouviu-a, angustiada, e dentro de poucos minutos, á boca da noite, um carro vagaroso saía de São Marcelo para a residencia do padre Amancio. Alcione recomendara muito cuidado ao cocheiro. Chegando ao destino, Madalena Vilamil conseguiu descer com grande sacrifício. Dois homens trouxeram larga poltrona, para conduzir a enferma ao quarto do moribundo. Alcione auxiliava o transporte da progenitora, com infinito carinho.

Lá chegadas, o agonizante pareceu reanimar-se.

Robbie e a irmã adotiva aproximaram-se respeitosos e pediram-lhe a bênção, enquanto a senhora Vilamil pedindo que a poltrona fosse deposta á cabeceira do moribundo, tomou-lhe a destra muito pálida, em confortadora saudação fraternal.

Damiano tinha os olhos profundamente lúcidos e brilhantes, mas na feição cadavérica pairava uma expressão de agonia dolorosa.

— Que é isso, padre?... — murmurou acarbrunhada. Ele fixou nela o olhar enternecido e murmurou:

— A moléstia incurável, Madalena, é um escoadouro bendito de nossas imperfeições. Que seria de minha alma se a moléstia do peito não me ajudasse a expungir os maus pensamentos? Quantos bens ficarei devendo á solidão e ao sofrimento? O Senhor que nos deu, lhes conhece o inestimável valor. Eu, que não chorava há muitos anos, alcancei novamente o benefício das lágrimas... Muitas vezes, ensinei do púlpito, mas o leito me reservava lições muito maiores que as dos livros...

A filha de D. Inácio quis responder, testemunhar seu reconhecimento imorredouro, dizer dos votos que fazia a Deus pelo seu restabelecimento, mas, na sua desolação não encontrava palavras com que traduzir o seu pesar. Não conseguia, porém, reter as lágrimas que lhe rolamavam, abundantes, dos olhos.

O moribundo prosseguiu após uma pausa mais longa:

— O catre amigo e silencioso me trouxe a recordação de todos os júbilos e dores que ficaram no passado distante... Sem conseguir adaptar-me a esta vida de París, tenho vivido quasi que absolutamente das nossas velhas lembranças de Espanha. Tenho grande saudade da nossa vida tranquila, em Ávila; dos fraternos serões da Chácara; dos colegas da igreja de São Vicente... mas estou certo, Madalena, que a vida não acaba com o corpo e convencido de que Deus nos reunirá, em outra parte, onde não haja prantos nem morte... Ha diversas noites que sou visitado pela sombra dos entes amados, que me antecederam no tumulo... Ainda hoje, depois da última hemorragia, enxerguei o vulto de minha mãe a dizer-me palavras de consolação e coragem... Algumas crianças amadas, lá da nossa igreja antiga de Castela, falecidas há muito tempo, me vieram ver a noite passada e me abraçaram com carinho... Amancio pensa que estou sendo vítima de pesadelos, dado o meu esgotamento físico, mas eu não posso concordar...

A senhora Vilamil aproveitando uma pausa, fez um esforço e obtemperou carinhosamente:

— Não deveis pensar nisso. Lembrai-vos que precisamos do vosso amparo paternal. Deus vos restituirá a saúde, para que nossa alegria não desapareça para sempre. Recordai nossa viagem á América...

Damiano procurou, a custo, o olhar de Alcione, dando-lhe a entender o cuidado com que se deveriam conduzir naquelas circunstâncias e acentuou:

— Pede a Deus pela minha saúde espiritual, porque seria impossível restaurar a do corpo, minha filha! A morte não é uma separação eterna. Estou certo de que Jesus me permitirá voltar a teu lado, se minha vinda for útil... Quanto á viagem ao Novo Continente, não te preocipes. Alcione está muito jóven e Robbie quasi que ainda não passa de um menino... Poderás ser muito feliz na companhia deles, aqui mesmo...

Madalena enxugou as lágrimas murmurando:

— Tendes razão, padre! Tambem eu estou chumbada ao leito para meditações necessárias. Minhas pernas paralíticas nunca me permitirão tão longa viagem...

— Não te lastimes, porém, pensando nesses obstáculos, certa de que a misericordia do Todo Poderoso nunca andou atrasada. Quando nos parece tarda, é que algum motivo existe, que não podemos compreender de pronto...

A filha de D. Inácio continuava chorando enternecidamente. Em seguida, o velho sacerdote dando a perceber que desejava mudar de assunto, fez um sinal chamando Robbie á cabeceira. O menino atendeu, compungido.

— Por que não trouxeste o violino? — indagou com interesse.

— Alcione me disse que o senhor estava mais doente — esclareceu respeitoso.

— Isso quer dizer, meu filho, que preciso mais de te ouvir.

A irmã adotiva aproximou-se e interrogou com ternura filial:

— Desejaveis ouvir alguma cousa, padre?

— Sim, Alcione. Se fôsse possível, a Ladainha de Nossa Senhora, que cantaste na primeira missa de Car-

los, na igreja de São Vicente. Recordas? Dêsse modo lembraríamos o amigo distante, bem como o recanto de Castela, onde fomos tão felizes!...

— Poderei pedir a padre Amancio que nos empreste o violino do côro de São Jaques — exclamou a jóven esforçando-se por conter as lágrimas.

— Seria um grande consôlo!

Ouvido um dos três clérigos, que se conservavam no quarto, prontificou-se a buscar o instrumento.

Daí a minutos, a voz cristalina de Alcione enchia o aposento, arrebatando os ouvintes a um plano de misteriosa luz espiritual. Robbie acompanhava o canto, com extrema felicidade em cada nota de sublime harmonia. O moribundo parecia extático. A ladainha, muito antiga, abria-lhe novos horizontes de claridade maravilhosa. Madalena tinha um lenço colado aos olhos, enquanto o lacaio e os religiosos choravam comovidos.

Quando terminou, o agonizante chamou a jóven e lhe falou debilmente:

— Alcione, Deus te abençõe por esta alegria...

Depois contemplou a senhora Vilamil demoradamente, e trocando com a moça significativos olhares, voltou a dizer:

— Faze pela paz espiritual de tua mãe tudo o que possas! E se tiveres, algum dia, qualquer necessidade mais forte, uma dificuldade mais premente, lembra-te de Carlos, minha filha! Sei que não te encontras sozinha no mundo, mas não posso esquecer que acima de tudo devemos considerá-lo teu irmão!...

Surgindo a dispnéia das horas derradeiras, Damiano não mais podia conversar senão por monossílabos. Após entendimento com a progenitora, a jóven Vilamil acercou-se do moribundo, murmurando:

— Padre, levarei mamãe e Robbie, de volta a São Marcelo, mas estarei novamente aqui, dentro em pouco, para ficar convosco!...

— Não te incomodes, nem deixes Madalena... por minha causa...

Mas, acompanhando os seus ao lar, Alcione regres-

sou sem demora, a-fim-de assistir o velho amigo até o fim.

As restantes horas da noite êle as passou em coma, assistido pelo afeto da filha de Cirilo, que lhe enxugava o suôr álgido com extrema dedicação.

Quando a aurora se fazia anunciar em clarões muito rubros, o velho Damiano verteu a última lágrima e entregou a alma ao Criador.

Um emissário, chegava, pela manhã, ao palacete da Cité, entregando uma carta da governanta de Beatriz, endereçada á Suzana e em cujas linhas explicava a sua ausencia ao trabalho.

A família Davenport comoveu-se. A' tarde, uma carroagem elegante parava á porta do presbiterio de São Jaques do Passo Alto. Dela desceram Jaques e Cirilo, que iam prestar afetuosa homenagem ao morto.

Impressionados com o abatimento da jóven, ambos se desdobraram em gentilezas e expressões confortadoras. Cirilo procurou o padre Amancio e fez questão de pagar as despesas do enterramento, acrescentando generosa dâvida destinada ao lacaio que servira ao tutor de Alcione, a quem estimava como propria filha. A jóven agradeceu com lágrimas. Depois de uma hora consoladora, despediram-se atenciosos.

Ao crepúsculo, a filha de Madalena assistiu o modesto funeral, de coração confrangido. Por muito tempo deixou-se ficar na silenciosa mansão dos mortos, em prece comovedora ao Altíssimo. Só tarde da noite, passos vacilantes, regressou ao lar, experimentando indefinível amargura.

IV

REENCONTRO

Um ano depois da morte de Damiano, houve na casa humilde do burgo de São Marcelo, grande e inesperada surpresa.

Orientado pela paróquia de São Jaques, Carlos Cle-naghan bate á porta de Madalena Vilamil, ansioso e comovido. Nos primeiros meses que se seguiram á morte do tio, resolvera abandonar a batina, apesar do ressentimento dos colegas. Jamais pudera esquecer Alcione, jamais conseguira manter um equilíbrio entre o dever e os impulsos da mocidade. Enquanto recebia as longas cartas de Damiano, a palavra amorosa do tutor lhe sofreava as preocupações tormentosas; mas, tão logo se viu sem o preservativo dos seus conselhos, entrou a meditar resoluto na mudança de situação. Anelava um lar, ardenteamente, jamais renunciaria á afeição de Alcione, não conseguia sopitar o desejo de ser pai e espôso feliz. Após algumas lutas em Ávila, desprezara o apelo dos superiores hierárquicos e, sem dar qualquer satisfação do feito aos parentes irlandeses, desligara-se do voto sacerdotal, cheio de esperança no futuro. Seu primeiro cuidado foi correr a Paris, por buscar a noiva amada. Como o receberia ela? Conhecia-lhe a pureza dos princípios e a formosura do carater cristão. Suspeitava que lhe não sancionaria a decisão, atento o conceito que fazia da fé; mas, faria o possível por demonstrar-lhe o seu amor imenso, convencê-la-ia com instancias afetuosas, tanto mais quanto ela, agora, já não poderia contar com